



Director literario:

Anacleto Bonifácio
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

João Valladares
 PAPUSSE

FORMATURAS

(Desenhos de EDUARDO MALTA)



Anacleto Bonifácio,
negação para o negócio,
gostava de ler Horácio,
durante o seu tempo d'ócio.



Éra o nosso latinista,
dono da sapataria,
que não figura na lista,
Bonifácio & Companhia.

Não só de Horácio gostava
como também de Virgílio;
ao invés do seu Emílio:
—um filho de Bonifácio.



Vendo que Emílio — um vadio —
era um grande maudrião,
Anacleto decidiu
ir pôr o filho ao ba'cão.



E assim, com acerto e tino,
os seus papéis inverteu:
pondo na loja o menino
e indo ele p'ró liceu.

Passados tempos, no Porto,
todos diziam: — «bem feito;
o pai formou-se em direito
e o filho formou-se em tórto!»

PALAVRAS CRUZADAS

E ADIVINHA

Onde está a boneca da Mimi?

A solução vem no próximo número.



PRIMEIRA FOLHA

HORISONTAIS:

1, Consoante e irmão. — 2, Estimam e consoante. — 3, Consoante, adverbio e consoante. — 4, Vogal, consoante e mulher pequena. — 5, Mercas. — 6, Ruim, interjeição, consoante e vogal. — 7, Teem todas as aves, vogal e o que há no espaço. — 8, Adverbio, consoante e vive nos tanques. — 9, Vogal, o que tendes á vista e perversa. — 10, Adverbio, vogal e vogal no plural. — 11, Sem êle não ha vida, mistura. — 12, Ama. — 13, 2.^a letra do alfabeto, vogal no plural e ordem do governo.

VERTICAIS:

1, Ha pouco, mala pequena e consoante. — 2, Consoante, habitação e acidente. — 3, Coxo, vogal, ha na estrada e vogal. — 4, Creada de creanças, ruim, nota musical e tomal posse (duma herança). — 5, Consoante, vogal, a fala dos pintos e carinhos. — 6, Artigo, faz falta a todos, bonito e acidente. — 7, Andar na água e o que ha na água do mar. — 8, O que teem os carneiros, pernas e vogal. — 9, Vogal teem as aves e vogal.

SEGUNDA FOLHA

HORISONTAIS:

1, Vê e caminhar. — 2, Verbo ser e desconto entre os pêsos líquidos e bruto. — 3, Consoante, pronome e consoante. — 4, Acidente e casa de visitar. — 5, Dente, verbo ser e vogal. — 6, Preposição e greda branca. — 7, O contrario de pouco e consoante. — 8, Consoante, consoante e tosta. — 9, O que todos querem ser. — 10, Ha nas estradas, como algumas pessoas dizem, não é consoante. — 11, Duas letras de amar consoante e dente. — 12, Consoante e querido.

VERTICAIS:

1, Verbo ser, consoante e casal. — 2, Artigo, devoram e o que todos gostam de ser. — 3, Consoante, consoante, paredes e vogal. — 4, Consoante, vogal, verbo ser, vogal, consoante e consoante. 5, Lígues e peixe. — 6, Vogal, vogal, terra ao pé do mar e consoante. — 7, Caminhar, casa, isolado e dente. 8, Pipo, pronome e único.

Rectificação

A poesia publicada no número passado «Bébé Dorminhoco», é da auctoria da Ex.^{ma} Sr.^a D. Beatriz Franco e não D. Beatriz Branco como por engano veio, do que pedimos desculpa à auctora.

TIPOS LISBOETAS

O AMOLADOR

POR

Por Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita

Ei-lo:—lá vai com sua traquitana
como um brinquedo enorme,
Mal descansa, mal dorme
em sua faina insana.

Sopra uma gaita.
Aos ares
sobe o pregão
de entoação serigaita:

—«Deita gatos
em pratos,
bacias e alguidares.»

Tem um ar
que faz pena...
E a melena
caída sôbre a testa,
empresta
ao seu olhar
uma sombra funesta
pela tarde viúva
e uma graça serena...

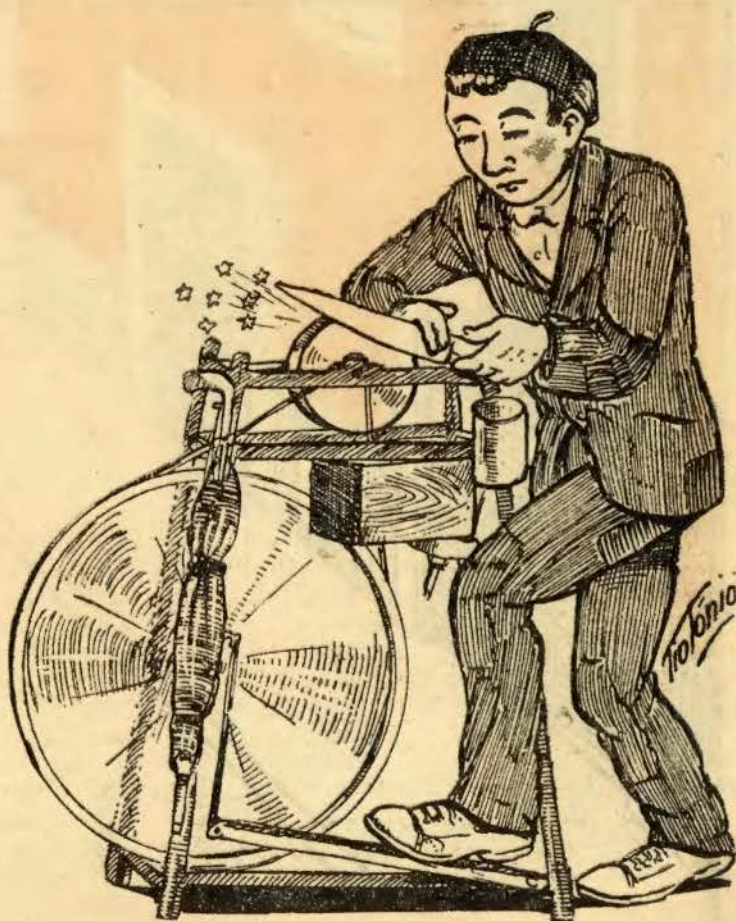
—«Deita gatos
em pratos...
concerta chapéus de chuva...»

Redopla, anda,
ciranda,
gira a pedra de esmeril
ao impulso do pedal
que faz dar voltas às mil
à rodinha principal,

Despede a roda scentelhas,
como um enxame de abelhas
e dentre a luzente chama
que irrompe em louras
poalhas,
o pregão, de novo, clama:

—«Amola facas, tesouras,
canivetes e navalhas!»

■ F I M ■



A SEITA MISTERIOSA

Por MANUEL J. LOPES NEVES ■ ■ Desenhos de EDUARDO MALTA



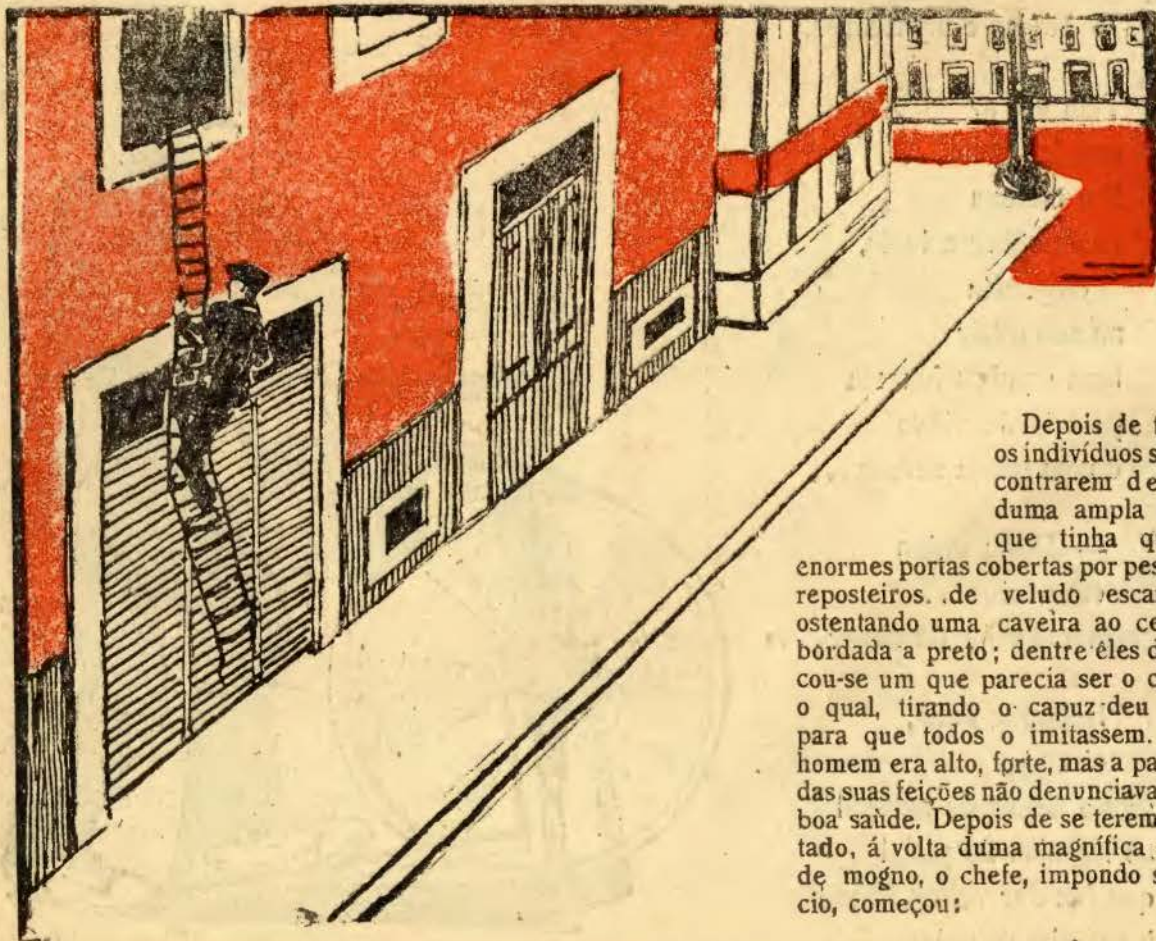
INHA acabado de soar a última badalada da meia noite, num dos mais duvidosos bairros de New-York, quando no meio do silencio quasi completo se ouviram dois estridentes assobios, e, no mesmo instante, como que por encanto, surgiram por uma travessa numerosas figu-

ras vestidas com amplas capas vermelhas, as quais tinham grandes capuzes que cobriam toda a cabeça dos misteriosos personagens. Dir-se-iam ser alguns membros da seita Klu-Klux-Klan? Não o sei; o que sei é que esses misteriosos personagens se encaminharam para um dos maiores edificios que circundavam a extensa praça onde se desenrolavam estes acontecimentos. Chegadas á porta principal, carregaram num secreto botão, occulto por uns graciosos arabescos, e a porta abriu-se, dando passagem a todos os personagens, e fechando-se em seguida.

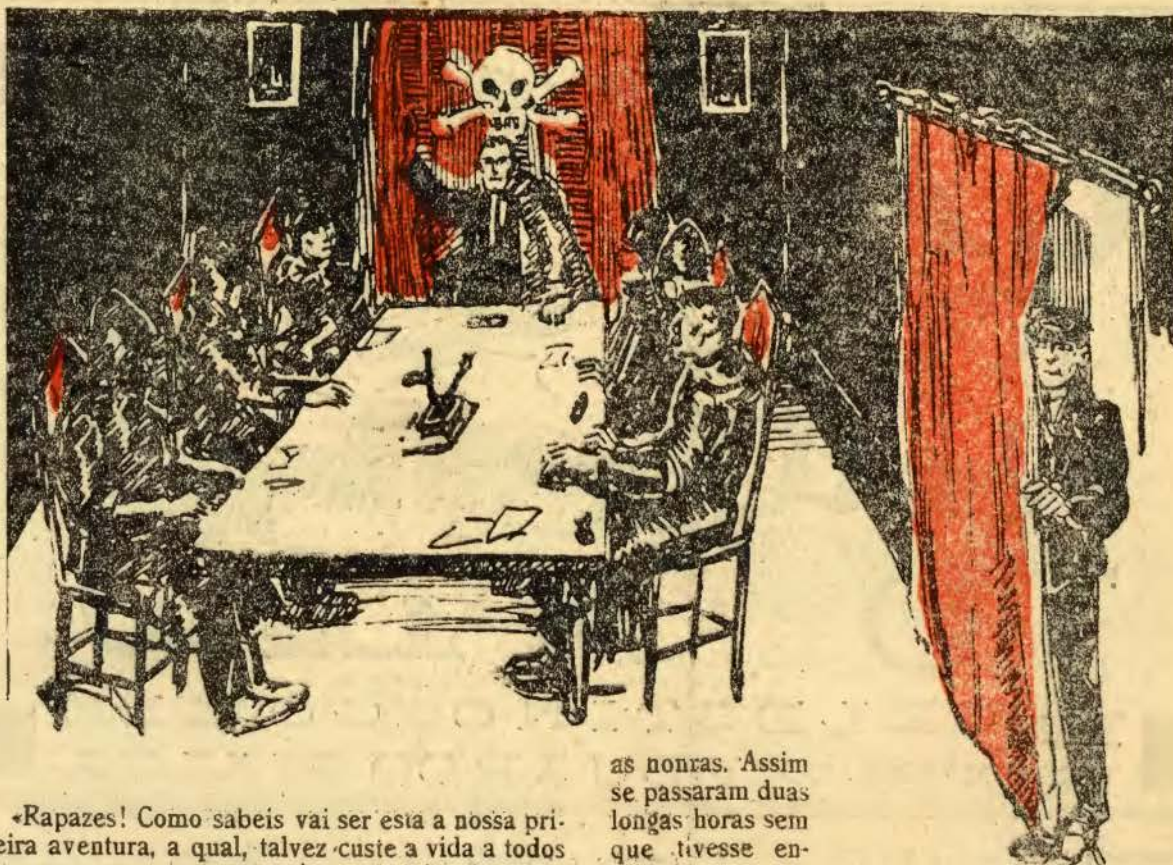
Assim que a porta se fechou appareceu a uma esquina um rapaz novo, impecavelmente vestido de preto. Esse rapaz encaminhou-se para o referido prédio e começou sondando-o como se quizesse encontrar sitio favoravel para nêle penetrar. Por fim encontrou uma janela do primeiro andar que talvez por esquecimento tinha ficado aberta e içou para lá uma pequena escada de corda que trazia comsigo. Depois de se certificar que ninguém tinha examinado o seu audacioso gesto, resolveu-se a entrar.

* * *

Este rapaz era um agente secreto da policia inglesa de serviço em New-York, que, além de contar apenas 24 anos, tinha um nome já notavel em toda a America. Chamava-se Tony Walter, familiarmente conhecido entre os camaradas da corporação pelo «Terror dos bandidos». Orfão de pai desde a idade de 7 anos, tinha sido criado por sua mãe á custa de enormes sacrificios e era agora o único amparo da velhinha.



Depois de todos os indivíduos se encontrarem dentro duma ampla sala, que tinha quatro enormes portas cobertas por pesados reposteiros de veludo escarlate, ostentando uma caveira ao centro, bordada a preto; dentre elles destacou-se um que parecia ser o chefe, o qual, tirando o capuz deu sinal para que todos o imitassem. Este homem era alto, forte, mas a palidez das suas feições não denunciava uma boa saúde. Depois de se terem sentado, á volta duma magnifica mesa de mogno, o chefe, impondo silencio, começou:



«Rapazes! Como sabeis vai ser esta a nossa primeira aventura, a qual, talvez custe a vida a todos nós; mas, se pensarmos nisto, também devemos pensar que caso a sorte nos favoreça, poderemos desde esse dia em vez de sermos mandados, mandarmos. Pensando bem, talvez o caso não seja tão difícil como parece. O mais importante, por enquanto, é apoderarmo-nos do Canadá, para depois vermos o que mais nos convirá fazer. Mas, objectou um dos presentes, a Inglaterra ficará assim sem esse estado e não dirá nada? Pode dizer e fazer o que quizer, disse o chefe, pois que, acho eu, os nossos homens espalhados por emquanto por toda a América, mas brevemente por todo o mundo, não deverão servir só para vista; demais continuou, quem tiver medo que saia da nossa associação, mas, somente depois de cá lhe ter ficado a língua, pois que, uma vez sabidas as nossas intenções, antes de estarmos convenientemente preparados, seria o nosso extermínio completo e a nossa morte. E, enquanto proferia estas palavras levava a mão a um punhal em sinal de ameaça.

Ouvindo tudo isto, estava Tony, comodamente instalado por detrás dum dos reposteiros e tomando nota de todas as palavras que ouvia. Depois, como eles comessem bebendo e jogando em grande animação, Tony, aproveitando o ensejo, tirou do bolso o seu inseparável cachimbo e começou fumando com todas as precauções, esperando pacientemente a ocasião de se poder ir embora, pois não podia sair por onde entrara porque um dos bandidos tinha ido fechar a janela, a qual fazia muito barulho a abrir. Tony queria voltar, no dia seguinte, pronto para a luta, pois apenas trazia consigo um revólver, e queria ele só subjugar toda a seita, para que só a ele coubessem todas

as nonras. Assim se passaram duas longas horas sem que tivesse ensejo de se esca-

par, pois que eles continuavam bebendo e jogando animadamente. Tornando a acender o cachimbo, pela 4.^a vez, já um pouco impaciente, não teve as devidas precauções e, sem querer, pegou fogo ao reposteiro, o qual logo se incendiou, pegando também fogo à porta que começou a arder com grande crepitar. Como que impelidos por uma mola todos se levantaram e levaram instintivamente as mãos aos revólveres. Então, Tony um pouco atordoado com o fumo e com o calor, aproveitou a confusão e tentou escapar-se, mas, com tão pouca sorte o fez que foi visto e, imediatamente, se estabeleceu um vivo tiroteio. Tony conseguiu contudo matar e ferir alguns dos seus adversários, mas, por fim, ferido e cansado, deixou-se prender. Então amararam-no com sólidas cordas, e, como o incêndio não permitisse mais a permanência ali, levaram-no para a sua associação, onde tencionavam supliciá-lo. Ao chegarem lá, também aí chegava uma brigada de polícia, atraída pelo tiroteio, a qual deu voz de prisão a todos, conduzindo-os para o posto de polícia mais próximo, a fim de serem devidamente identificados. Foi aí que Tony contou a sua aventura, vindo-se a saber que os bandidos eram quasi todos ingleses, condenados pelos tribunais. O chefe era um perigoso gatuno condenado pelos tribunais de Londres a desterro perpétuo e era, talvez, por isso que votava um tal ódio à Inglaterra. Os bandidos foram entregues à justiça inglesa, sendo Tony condecorado e indo residir para Londres com sua mãe, onde ficou ao serviço da polícia como principal detective, esperando os bandidos na cadeia a hora de se sentarem na cadeira electrica.

GAFANHOTO SALTÃO



POR CELESTINO GOMES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

H

AVIA
um dia,
—era uma vez—
um maroto
bichinho
português:
um gafanhoto
gafanhoto
gafanhão
saltão
campeão
de lanço
em saltos
altos
e em extensão,
com balanço
ou não.

No seu enxame,
(sem vexame)
nenhum exame
fez.
Era um insecto
muito correcto,
como qualquer insecto
português,
um maltês
analfabeto.

E o gafanhoto
gafanhoto
gafanhão,

(cruzes, canhoto!)
quiz ser piloto
da aviação.
Pois já não
era
campeão,
(pudéra!)
de saltos
altos
e em extensão?
Não vale mais
que os dotes bons
de tantos,
dêses tais
Santos
Dumonts?

Aos saltos
altos
nos riachos
baixos,
de cá
p'ra lá
começa
à pressa;
cai à maré,
falta-lhe o pé,
quebra a cabeça.

Tal tolíce,
quem
te disse?

Ninguém,
maroto
gafanhoto
gafanhoto
gafanhão
ir sem
descanço,
além
dos saltos
altos
e em extensão
com balanço
ou não?
Querer
ser
piloto
da aviação?

Porque preferem
não fazer
uso
do parafuso,
fuso
obtusos
da razão?
Depois não
querem
(imprevidentes!)
que haja acidentes
na aviação!

1928.

FIM

HORA do RECREIO

UM VAPOR

por TIO-TÔNIO

Engenheiros de bíbe e calção!
Aqui está o que já muitos teem sonhado fazer.

Um navio para as guerras de soldados, ao alcance do material do estaleiro de qualquer leitor.

MATERIAIS:

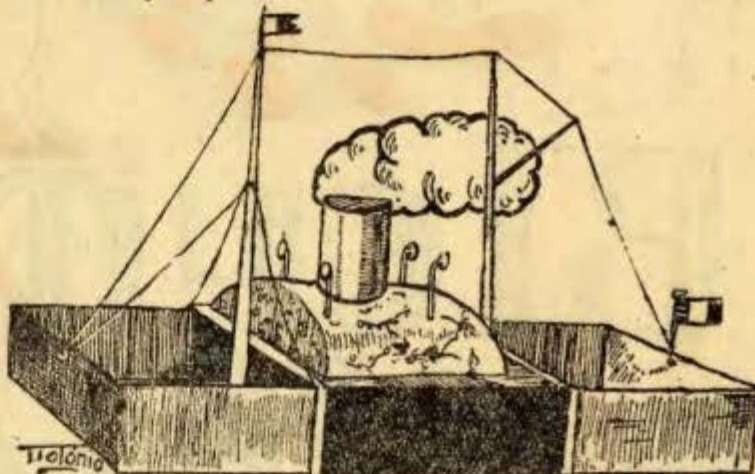
Duas caixas de fósforos e uma tampa.
Meia rolha de cortiça.
2 palitos.
5 alfinetes.
Um taco de pau da grossura de um lápis.
Linhas e papel de seda.

OBSERVAÇÃO:

Para evitar que o papel da caixa se desfaça em contacto com a água, devem embebê-lo de uma camada de setearina, o que se fará derretendo qualquer coto de vela.

Serão então muito interessantes os combates navais, empregando uns canhões de cana que atiram pedrinhas e ervilhas secas, que decerto todos sabem fazer.

Os mesmos canhões podem atacar as fortalezas de areia



ou terra fina, reduzindo-as a estilhas e soterrando os soldados de cartão...

BREVEMENTE: Ensinarei como se devem dispor os soldados de cartão, para uma guerra em que podem entrar tanks, artilharia, trincheiras, fortalezas etc.

TIO-TÔNIO

Rua do Século, n.º 43
LISBOA

PARA OS MENINOS COLORIREM





BICHINHO JAZZ

... POR ...
CELESTINO GOMES

Desenho de
E. MALTA

Dos senhores,
— os meninos —
maiores,
mais pequeninos,
(todos,
em suma)
Pelos modos
que não sabe
ninguém
que há uma
orquestra grande
que cabe
na gaiola
duma
rola,
e tem
por nome esta frase:
*bichinho melody jazz
band?*

Pois é certo;
e tem
perlo
de cem
figuras
que tocam
em concerto
às alturas,
muito bem
e não tocam
às escuras,
pois saíram,
construíram
pelos campos,
muita gente,
para a luz
incandescente,
de de vistas
e de trun,
uns pirilampos
fadistas,
luzincus
electricistas.
A relá,
bela,
moicarda

tagarela
em barda,
é aquela
que toza
essa farda
obtura
da bluzá
amarela
de flanela
parda
e é
com a boca
que toca
aquilo
que faz,
*ré... ré...
ré... ré...*

É o grilo
e
esse
rapas
loquas
(e nem
parece)
tem
em
deslaque,
correcto
insecto
de fraque
prelo,
e sopra aí,
sem
paramento
um instrumente,
que tira
nas abas de trás
do fraque,
— da labia,
e faz
aquela coisa bonita
que deixa tudo
mudo.
bastaque:
*grá... grá...
grá... grá...*

A senhora
ran
pimpan
que é
nadadora
do *maillot* verde,
verde boné,
da verde
calça,
da verde
bola,
não perde
o passo
nem o compasso,
nem boja
nota
canhota
ou fa'sa,
na valsa
ou *charleston*
af está
no *klakston*
krrrá... krrrá...

Nesta
algazarra
de festa,
há ainda
a linda
fatal
cigarra
da tal
guitarra
bonita,
a cigarrila
que ranje o banjo.

Besoiro
leiro,
de riso
moiro,
guizo
e trombone...

... e agora adivinhem só
quem é que no megafone,
grita: *Cô-cô-rô-cô-cô.*